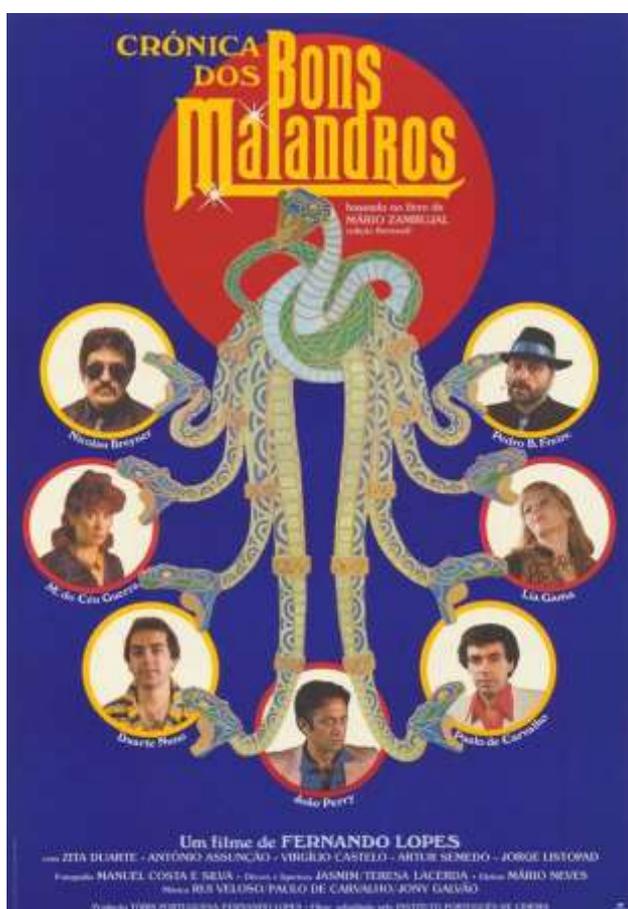




A HISTÓRIA RESUMIDA DO CINEMA PORTUGUÊS EM 22 FILMES VOLUME II

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 29 DE JANEIRO, DE 2024 - 21H00



“Crónica dos Bons Malandros”, de Fernando Lopes (1984)

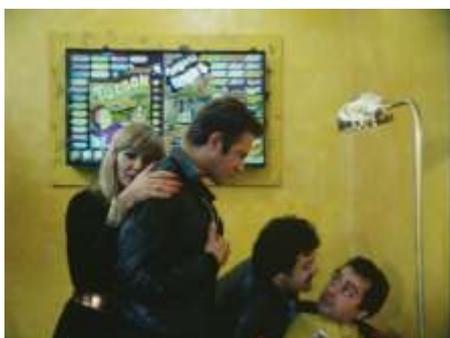
Realização: Fernando Lopes; Argumento: Fernando Lopes, Mário Zambujal, Artur Semedo, a partir da obra homónima de Mário Zambujal; Assistente de realização: Pedro Lopes, João Pedro Ruivo; Coreografia: Patrick Hurde; Genérico: Mário Neves; Sequência do assalto: José Abel, Mária Németh, Zepe, Laura Costa; Direcção de fotografia: Manuel Costa e Silva; Robertos: Brigitte Vossé-Platière; Manipulação de robertos: José Carretas, José Rui, Madalena Leal; Cenários: Jasmim, Teresa Lacerda; Figurinos: Jasmim; Música das canções: Rui Veloso, Paulo de Carvalho; Letras das canções: Carlos Tê, Paulo de Carvalho; Música adicional: Joni Galvão; Montagem: João Carlos Gorjão; Assistente de montagem: Manuela Gorjão; Banda sonora: João Carlos Gorjão; Misturas: Luís Barão; Direcção de produção: Olívia Varela, Artur Semedo, Teresa Taíña, Cláudia Lopes; Efeitos visuais: Mário Neves

Com: Duarte Nuno (Silvino Bitoque), João Perry (Renato, o Pacífico), Lia Gama (Marlene), Maria do Céu Guerra (Adelaide Magrinha), Nicolau Breyner (Pedro

Justiceiro), Paulo de Carvalho (Arnaldo Figurante), Pedro Bandeira Freire (Flávio, o Doutor), Zita Duarte (Lina Despachada), António Assunção (chefe da polícia), Virgílio Castelo (Carlos), Manuel Luís Goucha (cliente queixoso), António Évora (cliente queixoso), Anamar (Dinita), Artur Semedo (major), Hernâni Santos, Mário Zambujal (narrador), Pedro Lopes, Carlos Cruz (locação), Rui Romano (locação), Jorge Listopad (psiquiatra), Emílio da Silva, Carlos Machado, Gentil Ribeiro, Anabela Santos, Maria Gabriela, Isabel Nogueira, Manuel Antunes, Alfredo Galego, Orlando Barbosa, Karley Aida (circo Paz e Amor), palhaço Emiliano (circo Paz e Amor)

Data de estreia: 18.10.1984 Condes, Las Vegas, Quarteto, Quinteto (Lisboa), Bocage (Setúbal) e Avenida (Coimbra)

Duração: 81 minutos



“Les jeux son faits” – como roleta. Depois de “Kilas” ter provado que a bilheteira não era objetivo, impossível. Eis que o cinema português parece acordar de uma luta orgia conformada para se lançar ao encontro do público. As estratégias são várias, mas o que é certo é que estamos num ponto de viragem nítida: o cinema português começa a ter em conta o mercado e o mercado - final não tomado de vis desígnios antiportugueses – abra-lhes as portas. E não de uma forma tímida, convenhamos: Crónica dos bons Malandros estreia com seis cópias (número raro no mercado português e inédito no que a fitas portuguesas respeita) E, em Lisboa, quatro são as salas que exibem. Bem apoiado publicitariamente movidos os canais que conduzem aos órgãos de comunicação, Crónica dos bons malandros aposta em ser acontecimento e é-o.

Tudo isto está muito certo, mas: e o filme, que tal?

O filme tem dez, vinte, trinta, inúmeras ideias do cinema, achados, citações, engenho visual, uma clara recusa em ser verosímil, uma tendência para a festa, a brincadeira tintada de ternura. O filme vê-se com surpresas quase ininterruptas, constitui uma proposta que pretende cativar-nos pelo prazer do artifício e da piscadela de olho, ruminando lá por dentro questões não secundárias de uma modernidade que anda a germinar: a “impureza” em relação com outras artes, a incorporação de códigos que vêm de sítios vários (como a permanente bidimensionalidade televisiva — só cortada em cenas que apelam sobretudo, para a nostalgia.)

Ou seja – e em principio – aplausos.

“Malandro e o gato que come peixe sem ir à praia” - dizem os brasileiros e, ou muito me engano ou Fernando Lopes está nessa situação e vai colher os frutos.



Vejamos: Quem atente neste filme, com olhos que se não deixe iludir pela feérie, descobrirá, sem muito esforço, que Crónica dos bons malandros é um filme “desenrascado” na fase pós-rodagem. Primeiro na montagem, mas principalmente nos efeitos visuais e sonoros. As verdadeiras vedetas desta fita (Aqueles que mereceriam um aplauso prolongado, e talvez mesmo de pé) são Mário Neves e João Carlos Gorjão, os homens que colam o incolável que desviam a atenção no instante periclitante que salvam, enfim, um filme perdido na rodagem.

A prova? O trabalho dos atores, para não irmos mais longe (e o mais longe que poderia ser a pura e simples inexistência de sequência central de ficção - a do assalto à Gulbenkian). De facto, é possível afirmar, som receio de desmentido que os actores vão mal, praticamente sem exceções. Claro que se pode “dar a volta” a este facto com a interpretação de que este filme não se leva propositadamente a sério e que os atores não

são importantes, mas marionetas de um jogo lúdico, em que é útil que a gente acredite nas personagens. Acontece que se os atores não fossem importantes, não faria sentido escolher um elenco quase só de vedetas: João Perry, Lia Gama, Maria do Céu Guerra, Nicolau Breyner, Paulo de Carvalho... Ou seja, agora eles não são importantes. O filme resiste a isso, mas, sejamos claros, Crónica dos bons malandros é um brilhante exercício de como se salva um filme, não é um projeto talhado assim e conduzido a termo conforme previsto.

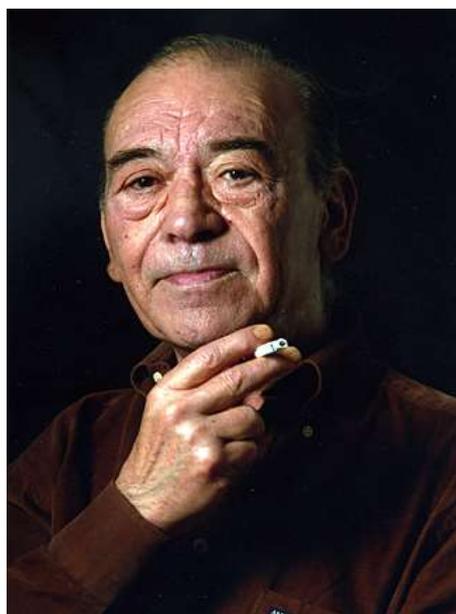


Atribuir isso a uma suposta preguiça do seu autor (quer dizê?, traduzindo para linguagem de produção de filmes, uma deficiente preparação, pré-rodagem, a uma não sistematização do projeto antes de dizer “ação!”.) É algo que deriva de uma adivinhação a que não me meto. Mas olhando para a fita, percebe-se bem que os solavancos da sua produção não foram só motivados pelo eterno problema da verba.

Fernando Lopes é homem de talento farto, não era preciso este filme para o confirmar, mas ele confirma-o. Só com extremo engenho e argúcia se poderia ter chegado a Crónica dos bons malandros fazendo de um quase naufrágio um quase triunfo.

O Público e a crítica estão a embarcar, pessoalmente. Não me importo de ir ao engano se me der prazer e nele vir inteligência. Mas que esta fita está cheia de buracos, isso, desculpem lá, mas é um facto indesmentível.

Jorge Leitão Ramos in "Diário de Lisboa" (23.10.1984)



Fernando Lopes (longas-metragens de ficção)

“Em Câmara Lenta” (2011); “Os Sorrisos do Destino” (2009); “98 Octanas” (2006); “Lá Fora” (2004); “O Delfim” (2001); “O Fio do Horizonte” (1993); “Matar Saudades” (1987); “Crónica dos Bons Malandros” (1984); “Uma Abelha na Chuva” (1971)

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 12 DE FEVEREIRO DE 2024

“A História Resumida do Cinema Português em 22 Filmes – Volume II” 21H00 (entrada livre)

“Duma Vez Por Todas”, de Joaquim Leitão (1987)